

A PEQUENA SEREIA: ARQUÉTIPO DA ADOLESCÊNCIA

ERNESTINA M^a V. BATOCA SILVA¹DANIEL MARQUES DA SILVA²SUZANA F. SERRANO ANDRÉ³

“Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar.”

Bertolt Brecht

INTRODUÇÃO

O actual fascínio pela adolescência é um fenómeno relativamente recente na história do desenvolvimento psicossocial do ser humano e, mais ainda, na história do seu estudo e compreensão. É na segunda metade do século XX que se inicia a grande profusão de investigações nesse domínio. O primeiro livro – *Adolescence* – foi escrito pelo americano Stanley Hall, em 1905. Segundo ele o adolescente opunha-se à criança pela intensa vida interior de reflexão sobre os sentimentos vivenciados. Era uma visão conflitual e que negligenciava os factores sócio culturais que se vieram posteriormente a considerar como fundamentais (Monteiro e Santos, 1998). Na mesma época S. Freud publica os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, obra que trouxe uma gigantesca contribuição à compreensibilidade da sexualidade infantil, bem como às transformações da puberdade (Dias e Vicente, 1984).

É um período de limites controversos, tanto no seu início como no seu *terminus*, principalmente em termos de limites cronológicos. O seu início é associado ao início da puberdade (aparecimento da menarca/aparecimento da ejaculação) e o seu fim

¹ Professora-Coordenadora, Escola Superior de Saúde de Viseu do Instituto Superior Politécnico de Viseu, Mestre em Ciências de Enfermagem e Doutoranda em Bioética.

² Professor Doutor em Ciências da Educação, Vice-Presidente do Instituto Superior Politécnico de Viseu.

³ Professora Adjunta na Escola Superior de Saúde e Mestre em Ciências de Enfermagem.

à aquisição de uma identidade sexual fixa e também à formação do carácter (Sampaio, 1994).

Sampaio (1994:61) define adolescência como sendo:

uma etapa do desenvolvimento, que ocorre desde a puberdade à idade adulta, ou seja, desde a altura em que as alterações psicobiológicas iniciam a maturação até à idade em que um sistema de valores e crenças se enquadra numa identidade estabelecida.

Contudo sabe-se que esta fase de desenvolvimento não pode ser devidamente compreendida se descuramos os aspectos contextuais. Neste pressuposto há tarefas que os jovens devem realizar para responderem socialmente às exigências do seu próprio desenvolvimento.

De acordo com as tarefas definidas por Laufer (1972) sistematizaremos as alterações psicológicas que ocorrem na adolescência e os processos de adaptação: alteração da relação com os pais, alteração da relação com os companheiros e identidade sexual. O conto “A Pequena Sereia” de Hans Christian Andersen, adaptado ao cinema por Walt Disney (Walt Disney, 1990), mais do que uma história para crianças transmite uma verdadeira caracterização do desenvolvimento da adolescência, que interpretaremos numa perspectiva psicanalítica.

Assim, com recurso à história da Pequena Sereia, analisaremos as diversas manifestações psicológicas que ocorrem na adolescência relativamente à relação da jovem com os pais, com o mundo e consigo mesma, procurando desta forma contribuir para melhorar a compreensão sobre o fenómeno adolescência e o sentido de ser adolescente.

ALTERAÇÃO DA RELAÇÃO COM OS PAIS

A Pequena Sereia, a jovem Ariel, na busca da sua identidade própria e diferente da de sua família contesta as regras e proibições do pai, o rei Tritão. Apesar de seu pai a ter proibido, a maior distração que tinha era remexer entre os restos de antigos naufrágios à procura de objectos usados pelos humanos. Ela construía o seu tesouro e guardava-o num esconderijo secreto voltando-se assim para o mundo interno, evidenciando um narcisismo característico compensatório da perda do pai ou da mãe edipiano. Neste período narcísico, a jovem tenta encontrar respostas sobre o seu verdadeiro papel no mundo – Ariel idealiza ser “um humano”. A idealização de si

própria é decorrente do afastamento dos pais, do abandonar a pouco e pouco a posição de dependência face aos pais e caminhar para uma progressiva autonomia.

Cordeiro (1979) considera que o luto face aos imagos parentais idealizados é decisivo para o prosseguimento do curso normal de evolução porque a partir da liquidação conseguida dos imagos parentais passa a existir a possibilidade do estabelecimento de novas relações amorosas extra-familiares. Sampaio (1994) é da mesma opinião e refere que se torna necessário ao adolescente abandonar as fixações afectivas na família original, sem o que não será possível resolver o problema do amor na adolescência.

Esta alteração das relações pais-filhos é difícil para ambos visto que os pais também terão de alterar o tipo de relacionamento que até aí estabeleceram com os seus filhos. Eles próprios devem aceitar “perder” as imagens idealizadas que fizeram dos filhos no decorrer da infância. Num excerto dum diário de um adolescente anónimo podemos observar isso mesmo:

Estou triste, há algo dentro de mim que me deprime, embora eu não saiba o quê. A minha mãe diz-me que eu estou diferente, rebelde, não sabe como falar comigo. Os meus amigos são os únicos que me compreendem, embora às vezes prefira estar só. Cada vez tenho mais necessidade de estar só, talvez por isso esteja triste.”

O pai de Ariel, rei Tritão desconfiado do comportamento da filha ordenou que o caranguejo Sebastião a vigiasse. Ao descobrir o seu tesouro ficou zangado e destruiu todos os objectos da sua colecção.

Avisei-te que não devias ter ligações com os humanos e desobedeceste-me. A tua atitude pôs em perigo toda a comunidade. Não te preocupas com a segurança dos teus? Quando pensas crescer, Ariel?... Mereces um castigo.

Observamos um pai que se manifesta autoritário e agressivo.

ALTERAÇÃO DA RELAÇÃO COM OS COMPANHEIROS

Diminuindo a dependência afectiva face aos imagos parentais, característica do período infantil, o adolescente vai também alterar a relação com os seus companheiros e o grupo vai revestir-se de grande importância no seu desenvolvimento emotivo. O grupo permite um jogo de identificações e a partilha de segredos e experiências essenciais para o desenvolvimento da personalidade.

Dunphy (1963) realizou um vasto trabalho de estudo dos grupos de adolescentes e a sua pesquisa é hoje uma referência clássica nesta matéria. Este autor identificou cinco etapas na evolução dos sub-grupos adolescentes. O primeiro estágio na pré-adolescência, caracteriza-se pela coexistência de dois grupos unissexuados e isolados um do outro. A segunda etapa introduz um primeiro movimento para a heterossexualidade. No estágio seguinte aparecem as primeiras trocas heterossexuais, empreendidas pelos membros que possuem um estatuto superior no grupo das raparigas e no grupo dos rapazes. No estágio quatro há a formação de grupos inteiramente heterossexuais. O estágio cinco corresponde à desintegração progressiva do grande círculo inicial, em favor de novos grupos restritos compostos por casais.

Na história da ‘Pequena Sereia’ os seus amigos são Flounder, o simpático e gorducho peixe, a Scuttle, a gaivota mais louca e despistada da colónia e o assustadico caranguejo Sebastião. É com eles que partilha os seus segredos e experiências - a sua colecção de objectos e utensílios humanos e o nadar até ao cimo do mar. É com eles que Ariel nada até à superfície e presencia no convés de um barco veleiro uma festa de aniversário do príncipe Eric. São eles que a ajudam a salvar o jovem do afogamento depois de uma tempestade ter fustigado o barco e uma onda gigantesca ter varrido o convés e atirado o Príncipe ao mar.

Os seus amigos são um grupo que lhe permite um jogo de identificações e a ajudam na descoberta da heterossexualidade. Ao observar o príncipe, Ariel ficou apaixonada pelo jovem do ‘sexo’ oposto. Iniciou-se a escolha de um novo objecto de amor. Dá-se o luto da bissexualidade, verdadeiro organizador do psiquismo juvenil (Amaral Dias e Nunes Vicente, 1984). Dá-se também o luto pelo grupo de amigos, essencial no momento em que se opera a escolha do objecto exogâmico e significativo da ‘capacidade de estar só’.

IDENTIDADE SEXUAL

A formação da identidade sexual decorre com avanços e recuos e é na fase final da adolescência que se atinge uma identidade sexual e a formação de carácter, tarefas finais da adolescência. As tarefas da adolescência só são possíveis devido ao desenvolvimento dos processos cognitivos.

Blos (1962) fala da adolescência como segundo processo de separação/individuação. O primeiro processo de individuação atinge-se por altura do terceiro ano de vida, com a separação da criança da mãe e na adolescência o segundo processo corresponde ao afastamento dos imagos parentais idealizados na infância e à

descoberta de objectos de amor e ódio fora da família. Na adolescência este processo de individuação provoca vulnerabilidade na organização da personalidade entendida como uma necessidade sentida pelo jovem de experimentar situações de emoção intensa, para lidar com o vazio interior que se segue ao quebrar das ligações infantis.

Ariel desinveste das relações com o pai e procura em Eric a resposta à necessidade de experimentar situações de emoção intensa – o sonho de viver lá em cima! Mas como Ariel vai conseguir a sua individualidade se é uma sereia? Ela vai ter com Úrsula, a Bruxa do Mar para que ela a converta em humana. A Bruxa usando os seus poderes de magia transformou-a mas esta ficou sem voz. Fizeram um contrato em que se ao fim de três dias não conseguisse dar um beijo de amor ao Príncipe ficaria cativa da Bruxa. Ariel embora com medo arriscou a descobrir a sua heterossexualidade. Encarou-se no papel sexual feminino, com um corpo manifestamente sexuado, para si e para os outros o que lhe permitiu viver a sua imagem corporal. A sua energia libidinal desvia-se para si própria – libido narcísica. Segundo Blos (1979) o movimento narcísico em que o amor do pai é parcialmente substituído pelo amor de si próprio ou pela sua própria perfeição, permite ao Eu conservar, em confronto com a realidade, uma quantidade de aprovisionamento narcísico indispensável para manter a sua auto-estima. Se observarmos o rosto de Ariel vemos que se encontra alegre e com uma elevada auto-estima.

Deste modo o narcisismo orienta-se no sentido do desenvolvimento e da descoberta do objecto heterossexual. Para Blos (1979) na adolescência tem que existir regressão, ou seja, para se apaixonar agora tem que visitar as paixões da infância: recuar para melhor saltar, como lembra Coleman (1974).

Este reforço narcísico pode observar-se na prática habitual de escrever um diário. Ao escreverem os seus pensamentos, a imaginação não se evade completamente das relações objectais e permite comunicar a tonalidade afectiva que acompanha as mudanças fisiológicas e as flutuações emocionais do adolescente. Vejamos mais uma vez um diário de um adolescente que caracteriza o que acabámos de referir:

Pavoroso, sinto-me pavoroso, as borbulhas, que horror. Parece-me que toda a gente olha para mim, já não sei o que inventar como “look” para melhor me esconder. Não sei, espero que isto passe depressa porque bem preciso...

Os meus pais dizem – enfim, a minha mãe – que isto passa, mas enquanto espero, a angústia está cá!

(Dolto e Tolitch, 1991, p.28).

Outro aspecto que caracteriza esta fase é a propensão para o sonho e actividade fantasmática. Também a criatividade artística é considerada como reforço narcísico pela transformação de energias no trabalho criador do adolescente e que preparam as futuras relações sociais.

No caso da “Pequena Sereia” as actividades do imaginário estavam presentes pela agudeza das suas percepções sobre o mundo do humano. Também a sua colecção de objectos e utensílios tem um carácter narcísico não só pela possibilidade de desenvolver o seu imaginário como também contribui para consolidar o vazio que a jovem sente, na busca de novos objectos de amor extrafamiliares.

À medida que se vão regularizando os conflitos sexuais e narcísicos, as flutuações de auto-estima e o sentido de identidade, o adolescente pode atingir novas metas nomeadamente nas relações de amor heterossexual.

O estado amoroso corresponde ao facto de a líbido do Eu se dirigir para um novo objecto heterossexual. Quando o adolescente é capaz de entabular relações heterossexuais estáveis constitui-se o segundo organizador psíquico da adolescência (Cordeiro, 1979).

Voltando à nossa história. Ariel agora com uma figura feminina aparece ao Príncipe que a convida para dar um passeio. A sereiazinha com toda a sua doçura procura conquistá-lo mas não consegue o beijo apaixonado que poria termo ao feitiço da bruxa. Prestes a perder o Príncipe pelos encantos e enganos da Bruxa que adopta a sua voz, é o rei Tritão, o seu pai que a vem salvar – transformou Ariel numa linda menina. A “Pequena Sereia” reconhecida pelo amor do seu pai pede-lhe perdão. O pai reconhecendo que a sua filha ultrapassou os limites da sua família, do seu meio, das suas tradições e pode assumir um plano de vida e projectar-se a si própria no futuro, ao lado do seu companheiro, despede-se dela com tristeza. Porém, o pai e todos os seus amigos desejam-lhe as maiores felicidades. Estes aceitaram o facto dela ter o direito de consagrar as suas escolhas, e afirmar uma vida própria, isto é reconheceram a sua entrada no mundo adulto.

CONCLUSÃO

Não existe adolescência sem “problemas”, sem “sofrimentos”. A adolescência é um período de algumas oscilações tanto para os filhos como para os pais. Assim:

- Se os **pais** forem capazes de alterar o tipo de relacionamento com os filhos garantindo a sua individualidade, reconhecendo os seus sentimentos e pensamentos e aceitando-os naquilo que são;

- Se os **filhos** assimilarem novas identificações e novas escolhas de objecto, a que Cordeiro (1979) denomina de organizadores do psiquismo do adolescente - o luto dos imagos parentais e a escolha do objecto heterossexual;

- Se **ambos** mantiverem sentimentos permanentes de confiança, num cenário de trocas afectivas intensas...

O processo da adolescência será também um período de alegrias intensas, um movimento pleno de força, de promessas e de vida!

BIBLIOGRAFIA

- BLOS, P. – *On adolescence*. Nova York: Free Press Glencoe, 1962.
- BLOS, P. – *The adolescent passage*. Nova York: University Press, 1979.
- COLEMAN, J. C. – *Relationships in adolescence*. London: Rutledge and Kegan Paul, 1974.
- CORDEIRO, J. C. Dias – *O adolescente e a família*. Lisboa: Moraes, 1979.
- DIAS, Amaral; VICENTE, Teresa Nunes – *A depressão no adolescente*. Porto: Edições Afrontamento, 1984.
- DOLTO, Françoise; TOLITCH, C. Dolto – *Palavras para adolescentes ou o complexo da lagosta*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1991
- DUNPHY, D. C. – *The social structure of urban adolescent peer groups*. *Sociometry*. Nº 26 (1963), p.230-246.
- LAUFER, M. – *Depression in adolescence*, Monograph nº 4. London: Brent Consultation Centre, 1972.
- MONTEIRO, M.; SANTOS, M. R. – *Psicologia*. Porto: Porto Editora, 1998.
- SAMPAIO, Daniel – *Ninguém morre sozinho: o adolescente e o suicídio*. 5ª ed.. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1994.
- WALT DISNEY – *A pequena sereia*. León: Círculo de Leitores, Lda., 1990.